Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
Serviço Social do Comércio – SESC São Paulo
Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento Regional

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

Midiatização e Práticas Parentais frente às primeiras experiências de crianças negras com o racismo – Notas de uma pesquisa em *Grounded Theory* [1]

Leandro Leonardo BATISTA[2]
Francisco LEITE[3]
Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, SP.

RESUMO:

Este trabalho apresenta notas de uma pesquisa sobre as expressões da midiatização nas práticas parentais diante das primeiras experiências de crianças negras brasileiras com o racismo. Trata-se de uma investigação qualitativa orientada pela interligação teórica das perspectivas do interacionismo simbólico e dos estudos da midiatização, com foco nas influências da mídia na (re)elaboração das identidades sociais, enquanto referencial teórico basilar e pela *Grounded Theory* Construtivista, como abordagem metodológica. O resultado desta pesquisa articula o modelo teórico "Midiatização nas práticas parentais frente às primeiras experiências de crianças negras com o racismo" do qual neste artigo, devido aos seus limites de espaço, apresenta-se brevemente a categoria central "Afetos solidários ao (re)viver pelas primeiras experiências de crianças negras a dor do racismo".

PALAVRAS-CHAVE: Midiatização; Parentalidade; Crianças; Racismo; *Grounded Theory*.

1. Introdução

A proposta deste trabalho é inscrever anotações sobre os resultados do projeto de pesquisa "Midiatização e Práticas Parentais para o Enfrentamento da Ameaça dos Estereótipos por Crianças Negras" desenvolvido com o apoio da Chamada MCTI/CNPQ/MEC/CAPES nº 22/2014 - Ciências Humanas e Sociais. Esta investigação tem como referencial metodológico a *Grounded Theory* Construtivista e como orientação teórica basilar a articulação entre o Interacionismo Simbólico e os Estudos da Midiatização. Os objetivos principais que motivaram a edificação desta pesquisa versam por: 1) Propor uma teoria substantiva que edifique uma compreensão

[1] Trabalho apresentado no GT Pensamento Comunicacional, do PENSACOM BRASIL 2016.
[2] Doutor em Comunicação Social pela University of North Carolina (EUA). Professor de graduação e pós-graduação da ECA-USP. E-mail: leleba@usp.br.
[3] Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, com estágio doutoral (CAPES), na Itália, na Università degli Studi di Trento e Università di Bologna. É professor no curso de Pós-Graduação Lato Sensu de Pesquisa de Mercado em Comunicações da ECA-USP. Autor de Publicidade contraintuitiva: inovação no uso de estereótipos na comunicação (Appris, 2014). E-mail: fcoleite@usp.br.

sobre o papel da midiatização e os padrões interativos desta nas práticas e processos parentais diante das primeiras experiências de crianças negras brasileiras com o racismo; 2) Compreender como as narrativas da midiatização (especialmente anúncios publicitários e telenovelas com estímulos contraintuitivos[4]), em relação aos estereótipos, repercutem nas relações e experiências de famílias negras brasileiras; e 3) Aprofundar os significados e construir com base nas experiências parentais compartilhadas um entendimento teórico sobre as dinâmicas e processos sociais ou psicossociais fundamentais que são operados para proteger a saúde psíquica de crianças negras frente ao racismo.

Para alcançar tais objetivos, foram realizadas 22 entrevistas em profundidade com 27 agentes parentais brasileiros, no período de setembro de 2015 a fevereiro de 2016, seguindo as técnicas e os procedimentos da metodologia *Grounded Theory*. Os resultados produzidos possibilitaram elaborar uma perspectiva interpretativa que direcionam a compreensão da seguinte problemática: **Como as narrativas midiáticas contraintuitivas, que oferecem visibilidade positiva para negros e negras, afetam a vivência de agentes parentais frente às primeiras experiências de crianças negras com o racismo?**

As dimensões de sentido construídas, com base nas experiências compartilhadas pelos agentes parentais estimuladas por narrativas midiáticas contraintuitivas (LEITE, 2009 e 2014; LEITE e BATISTA, 2008 e FRY, 2002, entre outros), em vista dessa problematização, possibilitaram desse modo a edificação do quadro teórico interpretativo "Midiatização nas práticas parentais frente às primeiras experiências de crianças negras com o racismo" do qual neste artigo, devido aos seus limites de espaço, apresenta-se a categoria central "Afetos solidários ao (re)viver pelas primeiras experiências de crianças negras a dor do racismo".

Portanto, com o exposto, esta pesquisa justifica-se como um oportuno e original

[4] O anúncio contraintuitivo (LEITE, 2009; 2014; LEITE e BATISTA, 2008, entre outros) pode ser considerado como uma proposta do campo profissional publicitário que, estrategicamente, faz uso em suas narrativas de "outros/novos" conteúdos acerca de estereótipos dirigidos às minorias sociais, isto é, de moderadores contraestereótipos, com o objetivo principal de inovar e promover as suas tentativas de apelo para o consumo mercadológico, "violando expectativas intuitivas" (UPAL; 2007a, 2007b; BOYER, 2001, 1994) dos receptores acerca dos discursos tradicionalmente veiculados pela publicidade.

esforço de edificar uma compreensão teórica sobre os efeitos da midiatização na sociedade, especialmente, nas configurações comunicativas dos "mundos midiatizados" (HEPP, 2014) de famílias brasileiras.

2. Referencial teórico e metodologia

O Interacionismo Simbólico (MEAD, 1934/ 1982; BLUMER, 1969) e os Estudos da Midiatização (recepção, mediações e interação), com foco nas influências da mídia na (re)elaboração das identidades (MARTÍN-BARBERO, 1987; THOMPSON, 1998; HEPP, 2014; HEPP e KROTZ, 2014; entre outros) são as perspectivas teóricas que orientam as reflexões e sustentaram a edificação desta pesquisa, que assume como abordagem metodológica a *Grounded Theory*[5] Construtivista (CHARMAZ, 2009) como a base do horizonte para a construção de um estudo de recepção.

A *Grounded Theory*, identificada neste trabalho, a partir desse ponto, também como *GT*, baseada em investigação sistemática, é uma abordagem metodológica de pesquisa alicerçada em dados, os quais devem ser construídos e revelados a partir de um forte processo dialógico entre pesquisador e pesquisados, buscando evocar as experiências vividas dos participantes da investigação. A principal proposição e fruto desta orientação metodológica é a construção de teorias substantivas[6] capazes de explorar e articular explicações, baseadas nas realidades em foco dos indivíduos, sobre determinados fenômenos socioculturais.

3. Contextualização e participantes da pesquisa

O trabalho de campo (coleta de dados) desta investigação foi realizado, no período de setembro de 2015 a fevereiro de 2016, junto a agentes parentais de crianças negras em idade de ensino fundamental, residentes da região da Grande São Paulo, Brasil. Eles colaboraram fornecendo dados relevantes à pesquisa, que expressaram suas

[5] Termo traduzido em português como "Teoria Fundamentada em Dados (TFD), Teoria Enraizada ou Teoria Emergente" (Tarozzi, 2011, p.12). No entanto, neste trabalho será utilizado o termo original *Grounded Theory*.

[6] Glaser e Strauss (1967, p.32-33) pontuaram a existência de duas principais tipologias de teorias: as formais e as substantivas. As primeiras são compostas pelo que eles denominam de grandes teorias, vistas como formais e abrangentes, enquanto o segundo tipo se refere às explicações para situações cotidianas, "que explicariam melhor as áreas específicas da pesquisa empírica já que essas teorias nasceriam diretamente de dados do mundo real" (Hutchinson, 1988 citado em Bianchi e Ikeda, 2008, p.233).

"opiniões, sentimentos, intenções [...], bem como os contextos e as estruturas de suas vidas" (CHARMAZ, 2009, p. 30), no que tange as dimensões das suas práticas como agentes parentais.

De início, para a organização do *corpus* da pesquisa, ou seja, para começar a construção da amostra teórica, foi localizado um agente parental informante, uma mãe de um menino negro, por indicação de mediadores, indivíduos terceiros, conhecidos de um dos pesquisadores. Posteriormente, a ampliação do *corpus* da investigação foi realizada mediante a aplicação da técnica "bola de neve" ou *snowball*. Esta técnica permite ao pesquisador solicitar aos entrevistados indicações de próximos participantes potenciais para a pesquisa e "assim, sucessivamente, até que [seja] alcançado o objetivo proposto (o "ponto de saturação")" (BALDIN e MUNHOZ, 2011, p.332) da pesquisa.

4. Processo da coleta dos dados

Para a produção dos dados foi utilizada principalmente a técnica de entrevista em profundidade apoiada pela técnica de observação[7]. As observações foram registradas no caderno/diário de campo dos pesquisadores e foram materiais ricos para a produção de memorandos.

Segundo Tarozzi, as entrevistas em profundidade "continuam sendo o instrumento principal na *Grounded Theory*, mesmo não sendo o único, [...]. E isto em virtude da ênfase sobre a questão da atribuição de significados típica do interacionismo simbólico, mas também porque os instrumentos verbais consentem focalizar a coleta de dados de acordo com o trabalho de codificação" (TAROZZI, 2011, p.67), basilar na operação desta metodologia.

5. Operacionalização das entrevistas: materiais e métodos

Após a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a entrevista era iniciada, com questões gerais sobre a estrutura e dinâmica diária da família com foco

[7] De acordo com Tarozzi, a peculiaridade da observação dentro da *Grounded Theory* "é que esta é focalizada imediatamente na observação dos fenômenos e, sobretudo, dos elementos de processo definidos na pergunta da pesquisa, dando menor peso à descrição do contexto". (TAROZZI, 2013, p.111). Logo, a proposta da observação não se pauta por realizar descrições detalhadas, mas é focada na produção de conceituações do processo em investigação.

nas atividades voltadas às crianças. Na sequência, questões eram feitas para tentar alcançar as experiências de como se estabeleciam os usos e consumo de narrativas midiáticas na família. Dado essa introdução questionava-se os agentes parentais se as crianças negras já compartilharam com eles alguma situação de dificuldade de interação social.

Na tentativa de alcançar os relatos dessas experiências, de um lado, caso os agentes parentais indicassem diretamente situações nas quais as crianças tiveram tais dificuldades e, especificamente, se elas foram vítimas de racismo, a entrevista era conduzida para alcançar a densidade dessas experiências, tanto na vida das crianças quanto na vida dos agentes parentais, e quais as tentativas articuladas pelos agentes parentais para lidar com os desafios inscritos por essas situações. No compartilhar dessas experiências a entrevistadora tentava conduzir o diálogo para também compreender as incursões e influências (caso ocorram) de narrativas midiáticas nesse contexto. Para potencializar esse momento eram apresentadas aos agentes parentais três narrativas midiáticas audiovisuais, que são indicadas *a posteriori*.

De outro lado, considerando a sensibilidade do tema, que envolve o sistema de opressão do racismo na biografia de seus alvos, caso os agentes parentais não se sentissem confortáveis em compartilhar diretamente as suas memórias de possíveis experiências que as crianças tenham sofrido com o racismo, bem como a administração de tais situações, a entrevista seguia normalmente e os agentes parentais eram também convidados a assistir as três narrativas midiáticas para, dessa forma, estimulá-los a ficarem mais à vontade para compartilhar as suas vivências ou não sobre a temática posta. As narrativas eram apresentadas aos agentes parentais com o suporte de um *tablet*, com adequada tela e sistema de som, que possibilitou viabilizar a interação plena dos agentes parentais com as narrativas.

A primeira narrativa tratava-se de uma cena, de quatro minutos, extraída da novela brasileira Babilônia, da Rede Globo de Televisão[8]. Essa cena foi veiculada, especificamente, em 30 de maio de 2015. As outras duas narrativas eram anúncios

[8] O vídeo da cena está disponível em: http://globoplay.globo.com/v/4219427/l. Acesso em 22. jul. 2016.

publicitários, cada um de trinta segundos, um do anunciante Coca-Cola[9] e outro da marca Sadia[10], ambos os anúncios audiovisuais foram veiculados nas principais redes de televisão do Brasil, durante o primeiro semestre de 2015. Todas as narrativas enquadram-se dentro das expressões contraintuitivas, tendo em vista que apresentavam a presença positiva de uma criança negra como protagonista, bem como a representação de família em seus roteiros. Portanto, esse conjunto de narrativas midiáticas contraintuitivas buscou responder ao contexto das "configurações comunicativas" (HEPP, 2014) que atravessam os espaços das famílias brasileiras.

Figura 1 – Frame cena novel Babilônia.
Fonte: Site Globoplay.com (2015).

Figura 2 – *Frames* Anúncio Coca-Cola "Adoção – Comer juntos alimenta a felicidade".
Fonte: Youtube Coca-Cola (2015).

Figura 3 – *Frames* Anúncio Sadia "Nuggets Sadia - 100% Peito de Frango".
Fonte: Youtube Arquivo da Propaganda (2015).

[9] O vídeo do anúncio está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bvRx_1GNHg8. Acesso em 22.jul. 2016.
[10] O vídeo do anúncio está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PQcmon695tU. Acesso em 22.jul. 2016.

6. Análise dos dados

A análise dos dados foi realizada conforme os procedimentos sistematizados de comparação constante da *GT*, considerando as etapas de (1) codificação inicial, que pauta-se pela construção de códigos abertos; (2) codificação focalizada, quando os códigos iniciais são agrupados em conformidade com suas consonâncias e dissonâncias conceituais, bem como é nessa fase que se originam às primeiras categorias da pesquisa; (3) codificação teórica, que tem a proposta de integrar as categorias construídas que explanam sobre o fenômeno investigado. Nessa etapa também se busca identificar e definir a *core category* que tenha o potencial de integrar todas as categorias elaboradas permitindo, dessa forma, o desenvolvimento de um quadro explanatório teórico fundamentado nos dados.

Esse proceder comparativo iniciou-se, especialmente, com a transcrição *verbatim* do áudio gravado de cada entrevista. A análise dos dados e o processo de codificação também foram apoiados pelo uso do *software* de análises qualitativas NVivo. Nos próximos tópicos, devido aos limites de espaço deste artigo, são apresentados apenas alguns recortes dos resultados desta investigação que como produto final edificou o modelo teórico "Midiatização nas práticas parentais frente às primeiras experiências de crianças negras com o racismo". Dessa forma, neste trabalho são compartilhadas as dimensões de sentidos que articulam a categoria central "Afetos solidários ao (re)viver pelas primeiras experiências de crianças negras a dor do racismo". Assim, para compreensão da estrutura dessa categoria o leitor deve considerar que o nome dela está redigido em letras maiúsculas, as subcategorias com letras minúsculas e grifadas com negrito enquanto os componentes das subcategorias estão destacados em itálico e sublinhados.

7. Resultados

A categoria central AFETOS SOLIDÁRIOS AO (RE)VIVER PELAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DE CRIANÇAS NEGRAS A DOR DO RACISMO estabelece unidade às dinâmicas de sentidos que emergem das experiências dos agentes parentais frente às primeiras experiências de crianças negras com o racismo. As

dimensões de sentido dessa categoria central tenta expressar o sentimento que configura e atravessa todas as ações dos agentes parentais quando percebem que as crianças negras sob os seus cuidados começam a vivenciar os primeiros impactos do racismo em suas vidas.

É o afeto solidário, um sentimento que demanda ação de apoio, de ajudar aqueles indivíduos que se encontram em situação de dificuldade e com os quais se estabelece uma identificação movida pelo altruísmo. É um conceito, enfim, que expressa à profusão mútua de sentimentos entre os agentes parentais e as crianças negras quando estes primeiros tomam consciência que as crianças estão enfrentando as suas primeiras experiências com o racismo.

Essa situação impacta os sentimentos dos agentes parentais que ao mesmo tempo em que eles sentem e vivem a dor de saber que as crianças negras sob a sua responsabilidade estão sofrendo com a violência simbólica do racismo, eles também enfrentam concomitantemente uma operação cognitiva de resgate de suas próprias memórias diante de tais situações. Esse processo os levam a reviver experiências que eles também enfrentaram quando crianças (e ainda enfrentam na fase adulta) com o racismo.

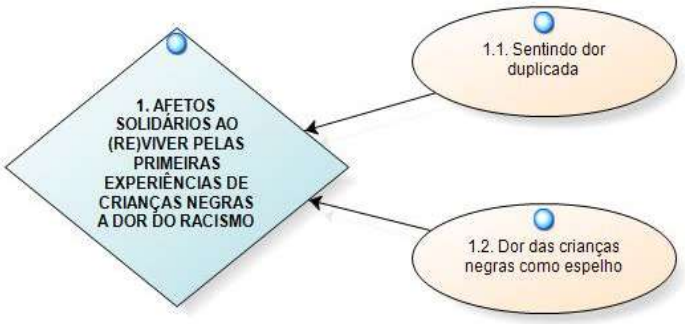

Diagrama 1 – Afetos Solidários ao (Re)viver pelas Primeiras Experiências de Crianças Negras a Dor do Racismo.

O prefixo “re” entre parênteses busca denotar a dimensão dupla e integrada dos afetos operados nessa situação que impõe aos agentes parentais reviver, o que enfrentaram no passado, e viver, o que estão enfrentando no presente, diante do movimento especular frente às experiências das crianças negras com as expressões do racismo. Desse modo, para possibilitar a compreensão dessas dimensões de sentido,

essa categoria principal é articulada pelas subcategorias **Sentindo dor duplicada** e **Dor das crianças negras como espelho**, que tornam as suas propriedades e significados mais explícitos.

Sentindo dor duplicada expressa a especificidade do sentimento que os agentes parentais responsáveis pelas crianças negras enfrentam quando percebem que elas começam a vivenciar situações de racismo. Essa dor edifica-se pela conjunção de experiências vividas com o racismo pelos agentes parentais e a experiência de testemunhar e tentar lidar com a mesma situação que se repete agora nas vidas das crianças negras sob os seus cuidados.

> *Pai: Começou a chorar? [questiona o pai vendo a sua esposa chorar de repente durante a entrevista. Percebe-se que o pai emociona-se também, porém ele concentra-se e resguarda-se em silêncio].*
> *Mãe: Esses assuntos [de racismo] me incomodam. [Ela ri para suavizar a emoção]. Misericórdia! O assunto me incomoda bastante. [o marido testemunhando, agora, também ri]. Ah! Não sei, eu fico até nervosa de falar. Não sei. É triste [...]. (Agentes Parentais, Casal/ Entrevista 2).*
>
> *Aquele dia [quando a mãe testemunhou passivamente seus filhos sofrerem racismo] me machucou muito, me machucou demais vendo meus filhos passando por isso. (Agente Parental, mãe/ Entrevista 12).*
>
> *Vendo o meu filho passando tão novinho por situação de racismo, eu me senti muito mal. Muito mal. Muito mal. Constrangida, chateada, revoltada. Porque é inadmissível que crianças sejam preconceituosas. [...]. Entendeu? (Agente Parental, mãe/ Entrevista 14).*

Reforçando os significados que articulam a subcategoria **Sentindo dor duplicada** apresenta-se a subcategoria **Dor das crianças negras como espelho**. Essa subcategoria tenta representar como os agentes parentais sentem-se quando tomam noção que as crianças estão sofrendo suas primeiras experiências com o racismo. A metáfora do espelho, indicada pelos agentes parentais, ilustra pertinentemente a situação de afetos solidários porque simboliza o momento quando os agentes parentais são impactados e se dão conta da experiência que as crianças estão enfrentando, e se identificam nessa situação. É o choque especular que impõem aos agentes parentais o desafio de lidar com a situação adversa, que como se percebeu pelos resultados gerais

desta pesquisa, eles antecipadamente já carregam a expectativa da ocorrência desse acontecimento.

> *Difícil é. Porque é aquela coisa faz comigo, mas não faz com ele. Quando eu era criança eu sofri muito bullying (não tinha esse nome[11]). Eu sofri muito. Eu levava ficava chateada e não tinha aquela coisa de ficar alimentando. Mas, você sabe que dói. Você sabe que é ruim. E agora você vê o seu filho passar por uma coisa dessa. Você fala o que é que eu vou fazer? Será que ele vai conseguir? (Agente parental, mãe/ Entrevista 18).*

> *A princípio eu falei... Por quê? (né). Eu pensei e comecei a entender [...] que estava gerando um conflito na mente dela [filha]. E eu falei então tá, a gente agora vai ter que começar a explicar. [...]. Eu me vi no espelho. Então, eu me via no espelho e pensava: "Caramba, vai começar tudo de novo" o que eu passei [na vida com o racismo] e está só começando para eles [filhos]. Eles são pequenos ainda. (Agente parental, mãe/ Entrevista 6).*

É no (re)viver da expressão dessa dor que os circuitos de solidariedade, de compadecimento com as dificuldades e sofrimento das crianças, que também passam a implicar as experiências dos agentes parentais de modo apositivo, que se manifesta os movimentos de implicações mútuas.

8. Discussão dos Resultados

Os agentes parentais, que socializaram as suas experiências para fundamentar a matriz interpretativa desta pesquisa, estão com a responsabilidade de cuidar de crianças negras que se encontram nas fases iniciais de estruturação de seus *selves*. Arrisca-se indicar, com base nas diretrizes do interacionismo simbólico, que considerando as fases de desenvolvimento do *self* (imitação, brincadeira e jogo) (ver NUNES, 2005), a maioria das crianças consideradas nesta pesquisa encontra-se provavelmente no processo de avançar da fase "imitação" para a fase "brincadeira".

Desse modo, essas crianças já fazem uso da imitação ao interagir com os outros significantes (pais, familiares, professores, colegas, etc.) em suas mediações sociais e além de apenas reproduzir tais imitações, elas gradativamente estão entendendo os objetivos e consequências que direcionam os seus atos, pois elas já estão introduzidas

[11] A informante confunde racismo com *bullying*. Durante a entrevista foi esclarecido a ela as distinções entre os dois conceitos. Ela então definiu o racismo como o sistema de opressão que ele sofreu.

no universo dos símbolos e, portanto, desse modo, iniciaram o desenvolvimento de seus *selves*. Neste avançar, elas também adquiriram as sutilezas do processo de linguagem que, logo, as inscrevem na fase "brincadeira".

São nas práticas dessa fase que as crianças apreendem para si as perspectivas dos indivíduos que respeitam e admiram. Esses indivíduos, como já pontuado, são os "outros significantes" considerados pelas crianças como modelos, que influenciam expressivamente essa fase de estruturação do *selves* das crianças. Como visto, eles podem ser os pais, algum parente ou indivíduos muito próximos das crianças, como também podem ser "quaisquer personagens reais ou fictícios (super-heróis, artistas de cinema ou televisão etc.). Tais indivíduos ou personagens são responsáveis pela emergência do *self*, e isso ocorre com um significante de cada vez." (NUNES, 2005, p.52). De acordo com João Horta Nunes, as narrativas midiáticas, especialmente, "os outros significantes" que circulam em suas materialidades, também podem agir nessas passagens de edificação dos *selves* dos indivíduos. Especificamente, quando se considera neste contexto que as crianças brasileiras passam mais tempo consumindo narrativas midiáticas televisivas do que, por exemplo, na escola. É o que revelou o levantamento "Painel Nacional de Televisão", do Ibope Media, que registra a evolução do tempo dedicado à TV (canais abertos e fechados, não inclui os programas assistidos sob demanda) por crianças e adolescentes entre 4 e 17 anos de todas as classes sociais.

> Em 2004 o tempo médio por dia de exposição à TV foi de 4h43, ao longo dos anos esse número aumentou e em 2014 chegou a 5h35, mais tempo que uma criança passa por dia na escola que é cerca de 3h15, segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas de 2006. Os dados coletados em 2015 indicam que a tendência do tempo de exposição à TV é de subir ainda mais, até 27 de maio deste ano [2015] foram registrados 5h35, o mesmo tempo obtido no ano inteiro de 2014. (EBC *online*, 2015)[12].

Retomando a questão do desenvolvimento do *self* na fase brincadeira, conforme o interacionismo simbólico, é pela passagem saudável e proveitosa nessa fase, que as crianças adequadamente conseguem desenvolver as suas atividades sociais, tanto em relação aos outros quanto a si mesma, utilizando o aprendizado assimilado com as

[12] Tempo de crianças e adolescentes assistindo TV aumenta em 10 anos. Disponível em: http://www.ebc.com.br/infantil/para-pais/2015/06/tempo-de-criancas-e-adolescentes-assistindo-tv-aumenta-em-10-anos. Acesso em 05. Mai. 2016.

interações com os seus "outros significantes". É no desdobramento gradativo dessa atividade complexa que o *self* social emerge e se estrutura.

Justamente é nessa fase brincadeira de desenvolvimento dos *selves* que se percebe, pelas vozes dos agentes parentais, que as crianças negras geralmente começam a enfrentar as suas primeiras experiências com as expressões do racismo sem compreenderem ainda as motivações e as sutilezas que estruturam esse "processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou toda uma categoria social que é definida como diferente com base em alguma marca física externa (real ou imaginada) [...]" (LIMA; VALA, 2004, p. 402) ressignificada por atributos de inferioridade.

Desse modo, ao perceberem que as crianças negras que estão sob os seus cuidados começaram a enfrentar as suas primeiras experiências com o racismo, os agentes parentais declaram sofrer um dolorido impacto psicológico e emocional diante dessa situação e dos desafios que ela os impõe. Alguns dos agentes parentais inclusive sinalizam a consciência que já esperavam que tais situações acontecessem cedo ou tarde em suas vidas, pois sabem por experiência própria que a sociedade brasileira ainda é racista. Mas, a realidade de testemunhar as crianças negras começando a enfrentar tais situações é algo profundamente delicado para os agentes parentais e exige deles ações atenciosas e estratégicas para tentar neutralizar os impactos que tais experiências podem implicar na biografia das crianças.

Entretanto, nesse cenário, identifica-se que todos os agentes parentais também negros expressam certas dificuldades de lidarem com as situações advindas com as primeiras experiências das crianças com o racismo, tendo em vista que eles já carregam as suas próprias marcas e dores produzidas pelo racismo ao longo de suas vidas. Essas marcas tornam-se ainda mais profundas e doloridas frente à consciência dos agentes parentais que as crianças negras que estão sob os seus cuidados estão sendo inscritas neste ciclo de opressão identitária.

Desse modo, de um lado, há os agentes parentais que não conseguem lidar e enfrentar essas situações e omitem-se permitindo que as crianças negras por si mesmas desenvolvam no curso de suas relações sociais modos para compreender e enfrentar tais

situações. Por outro lado, há os agentes parentais que tentam lidar com os desafios dessas situações com a esperança de conseguir de algum modo proteger a dignidade e o bem-estar das crianças, porém nessas tentativas é perceptível observar certas dificuldades dos agentes parentais de como conduzi-las adequadamente. Enfim, há um despreparo expressivo dos agentes parentais em conduzir ações que apoiem as crianças negras brasileiras diante das suas primeiras experiências com o racismo.

Esse descompasso e fragilidade no agir parental refletem e direcionam para os significados que estruturam a *core category* desta pesquisa AFETOS SOLIDÁRIOS AO (RE)VIVER PELAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DE CRIANÇAS NEGRAS A DOR DO RACISMO.

Focando a questão do afeto solidário ou duplo, a filosofia de Baruch de Espinosa, especialmente no que tange as suas reflexões sobre a origem dos afetos, contribui de modo basilar para a compreensão dessa dinâmica revelada nesta investigação. Dessa maneira, para compreender o sentido de afeto na filosofia espinosiana faz-se necessário considerar a sua relação com o conceito de afecção. Nessa direção, com um olhar mais direcionado para os estudos da mídia, Muniz Sodré pontua que

> *Afeto* é nome recente para o que antes se designava como *afecção*, a exemplo da doutrina de Espinosa [...]. Deste modo, sendo a *afectio* um estado do corpo afetado por outro presente, e o *affectus*, uma passagem de um estado a outro, são diferentes as *afecções-imagens* ou *idéias* dos *afetos-sentimentos.* O afeto supõe uma imagem ou uma idéia, mas a ela não se reduz, por ser puramente transitivo e não representativo. [...]. Hoje, termos como afeição ou afecção, provenientes de *affectus* e *affectio*, entendem-se como um conjunto de estados e tendências dentro da função psíquica denominada afetividade, mais especificamente, uma mudança de estado e tendência para um objetivo, provocadas por causa externa. (SODRÉ, 2006, p.28-).

Dessa forma, a ação de afetar implica abalos e perturbações na estrutura cognitiva dos indivíduos que podem consequentemente produzir mudanças concomitantes em seus corpos e mentes, bem como dependendo do seu processo de variações (ativa/alegria ou passiva/tristeza) pode diminuir ou aumentar a potência (ou vontade) de agir daqueles indivíduos afetados pela experiência.

Com efeito, são pelos abalos produzidos nos encontros dessas experiências que os agentes parentais são desafiados a compreender adequadamente as suas dimensões de sentido e agir para tentar neutralizar as consequências que as expressões do racismo podem produzir na biografia das crianças negras. No entanto, diante da urgência de ações direcionadas para adequadamente conduzir as experiências de tais situações que se observa a potência de intervenção fragilizada dos agentes parentais.

Com os testemunhos dos agentes parentais que fundamentam esta pesquisa, pode-se sugerir que geralmente os agentes parentais negros no Brasil têm a sua estrutura cognitiva e potências para agir, segundo a filosofia de Espinosa, profundamente afetadas pelas tristezas impostas pelas experiências com o racismo. Por isso, pode-se compreender as dificuldades de muitos negros e negras (re)agirem socialmente contra o racismo, tendo em vista que eles têm as suas potências/ vontades constantemente abaladas por experiências negativas o que acaba levando-os ao sofrimento da mente.

Desse modo, os afetos de tristeza são um ponto comum observado entre os agentes parentais negros brasileiros considerados nesta investigação. Logo, abalados afetivamente pela tristeza dessas experiências, quando se deparam com as primeiras experiências das crianças negras com o racismo, os agentes parentais reagem de modo distinto tentando cuidar das crianças lidando ou não com essas situações. Portanto, é pelo exercício desse controle cognitivo, que muitos agentes parentais conseguem ou não, de algum modo, agir e apoiar as crianças negras a atravessarem tais experiências tentando reduzir os abalos negativos que o racismo pode produzir em seus *selves*.

É na variação dessa potência de agir dos afetos, nos meandros das suas polaridades, que se enquadram as manifestações parentais identificadas no quadro explicativo teórico desta investigação como “Tentando lidar com a situação” e “Não sabendo lidar com a situação”.

9. Considerações Finais

Como observado, os agentes parentais atualizam as suas experiências com o racismo ao serem afetados pelas experiências das crianças negras, produzindo assim um padecimento duplicado ao identificarem na vida delas a repetição das situações com o

racismo que já enfrentaram. Há aí a percepção pelos agentes parentais de uma redescrição opressiva, isto é, um ciclo opressivo de discursos hegemônicos que se repete pautados por conteúdos negativos de estereótipos arcaicos direcionados aos indivíduos negros. A manifestação desse ciclo articulado pelo processo de racismo busca desestabilizar as suas identidades desde a infância, inscrevendo aos indivíduos da categoria social negro estigmas de inferioridade articulados em conteúdos estereotípicos.

A circulação desses conteúdos negativos inscritos aos indivíduos negros continua ocorrendo na sociedade implicando assim negativamente nas perspectivas de futuro e no desempenho de seus alvos. No entanto, nesta pesquisa dois expressivos espaços são destacados pelos agentes parentais como àqueles que geralmente introduzem as crianças negras às suas primeiras experiências com o racismo: a escola e a mídia. Esses espaços, apontados pelos agentes parentais, considerando as suas particulares, são vistos por Maria da Graça Jacintho Setton (2002), juntamente com a família, como instâncias que partilham uma responsabilidade pedagógica para o processo de socialização e construção da identidade dos indivíduos no contemporâneo.

10. Referências bibliográficas

CHARMAZ, K.. A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa. Trad. de Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BLUMER, H.. Symbolic interactionism: perspective and method. Englewood Cliffs: Prentice-Hall,1969.

HEPP, A.. As configurações comunicativas de mundos midiatizados: pesquisa da midiatização na era da “mediação de tudo”. Matrizes. V. 8 - nº 1 jan./jun. p. 45-64, 2014.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. (2011). **Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária**. In: X Congresso Nacional de Educação - Educere. Curitiba.

BIANCHI, E. M. P. G. & Ikeda, A. A.. Usos e aplicações da grounded theory em administração. **Gestão.org. Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, Universidade Federal de Pernambuco, v. 6, n. 2, p. 231-248, 2008.

BOYER, P., **The naturalness of religious ideas: a cognitive theory of religion**. Berkeley: University of California Press, 1994.

_____., **Religion explained: the evolutionary origins of religious thought**. New York: Basic Books, 2001.

FRY, P. (2002). Estética e política: relações entre “raça”, publicidade e produção da beleza no Brasil. In: GOLDENBERG, M.. **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record.

GLASER, B.; STRAUSS, A. (1967). **The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research**. Chicago/Nova York: Aldine de Gruyter.

HEPP, A.; KROTZ, F. (2014). Mediatized worlds: Understanding everyday mediatization. In: A. Hepp, F. Krotz (eds.): **Mediatized worlds: Culture and society in a media age**. London: Palgrave. p. 1-15.

HUTCHINSON, S. (1998). Education and grounded theory. In: SHERMAN, Robert R.; WEBB, Rodman D. **Qualitative research in education: focus and method**. Londres: Falmer Press. p. 123-140.

LEITE,F. (2014). **Publicidade Contraintuitiva: Inovação no Uso de Estereótipos na Comunicação**. Curitiba: Editora Appris.

_____. (2009). **A propaganda contraintuitiva e seus efeitos em crenças e estereótipos**. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo/ Escola de Comunicações e Artes/ USP. São Paulo.

_____. ; BATISTA, L.L.. A propaganda contraintuitiva e o efeito ricochete.
Galáxia (PUCSP), 2008.

LIMA, M. E. O., e VALA, J.. Serão os estereótipos e o preconceito inevitáveis? O monstro da automaticidade. In: LIMA, M. E. O e PEREIRA, M. E.. **Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas**. Salvador: EDUFBA, 2004.

MARTÍN-BARBERO, J. (1987). **De los medios a las mediaciones**.. Barcelona: Gustavo Gili.

MEAD, G. H... (1982 [1934]). **Espiritu, persona y sociedad: desde el punto de vista del condutismo social**. Barcelona: Paidos.

NUNES, J. H.. **O interacionismo simbólico e a dramaturgia**: a sociologia de Goffman. São Paulo: Humanitas/Goiânia: Editora da UFG, 2005.

SETTON, M. G. J.. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 107-116, jan./jun. 2002.

SODRÉ, M.. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

TAROZZI, M. (2011). **O que é *grounded theory*? Metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados**. Trad. de Carmen Lussi. Petrópolis, RJ: Vozes.

THOMPSON, J. B.. **A mídia e a modernidade**: uma teoria da mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

UPAL, M. A., Gonce, L., Tweney, R., e Slone, D. J.. Contextualizing counterintuitiveness: How contexto affects comprehension and memorability of counterintuitive concepts. **Cognitive Science**, 31(3), 2007a. 415-439.

UPAL, M. A. What is More Memorable Counterintuitive Concepts Interpreted Metaphorically or Literally?, in **Proceedings of the 29th Annual Meeting of the Cognitive Science Society**, p. 1581-1586, Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum., 2007b.